

## Sendo "Doutor" no exterior: brasileiros estudando Medicina na Argentina

### Ser "doctor" en el extranjero: brasileños estudiando Medicina en Argentina

João Alfredo Xavier de Freitas<sup>1</sup>  
Wilson Mesquita de Almeida<sup>2</sup>

---

#### RESUMO

O artigo apresenta os achados de uma investigação que analisou o crescimento da ida de brasileiros para a Argentina com o intuito de cursar Medicina. Buscamos entender as motivações dos estudantes a partir dos condicionantes estruturais e conjunturais da sociedade brasileira e de suas perspectivas pessoais. Para tal, foi feito um questionário, respondido por 108 estudantes. Identificamos que os estratos das classes médias e baixas deixam o país em virtude da persistente dificuldade de acessar o curso, apesar das expansões educacionais ocorridas nas últimas décadas. Estes alunos apoiam-se, sobretudo, em práticas virtuais que facilitam a circulação de informações entre eles. Concluímos que se trata de uma fuga para o exterior.

**Palavras-chave:** Migração estudantil. Ensino Superior. Medicina. Redes Sociais. Internet.

---

#### RESUMEN

El artículo presenta los resultados de una investigación que analizó el crecimiento del desplazamiento de brasileños que van a Argentina a estudiar Medicina. Intentamos comprender las motivaciones de los estudiantes a partir de las condiciones estructurales y coyunturales de la sociedad brasileña

---

<sup>1</sup> Mestrando da Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo. E-mail: joaoalfredo.xavier@yahoo.com

Red académica: <https://orcid.org/0000-0003-0942-0645>

<sup>2</sup> Professor do Centro de Engenharia, Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do ABC. E-mail: wilmesq@gmail.com

Red académica: <https://orcid.org/0000-0002-9727-9786>

y de sus perspectivas personales. Para ello, se elaboró un cuestionario que respondieron 108 estudiantes. Identificamos que los estratos de las clases media y baja abandonan el país debido a la persistente dificultad de acceso al curso, a pesar de las expansiones educacionales ocurridas en las últimas décadas. Estos estudiantes se apoyan, sobre todo, en prácticas virtuales que facilitan la circulación de información entre ellos. Concluimos que se trata de una “fuga al extranjero”.

**Palabras clave:** Migración estudiantil. Educación Superior. Medicina. Redes sociales. Internet.

---

## INTRODUÇÃO

A temática das migrações estudantis internacionais ainda é pouco explorada na literatura acadêmica. Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações, apenas 2,1% dos trabalhos revisados por pares da área tratam sobre esse tema. Quando consideramos as migrações entre países do sul global, apenas 9,6% dos trabalhos sobre migrações internacionais discutem migrações sul-sul (OIM, 2020, p. 226). Uma justificativa plausível para números tão baixos é a falta de sistematização dos dados por parte dos governos e das universidades, desafio enfrentado nesta pesquisa.

O número de estudantes de graduação na Argentina oriundos do Brasil cresceu 135% no período de 2015-2019, tornando o Brasil o país estrangeiro com mais matriculados, como podemos ver na Tabela 1:

**Tabela 1. Estudantes estrangeiros de graduação na Argentina**

Ano	Peru	Brasil	Bolívia	Paraguai
2015	10325	7246	5947	5645
2016	11514	8085	6218	6517
2017	12395	11237	6632	6994
2018	13063	14495	7657	8128
2019	14645	16767	8720	9103

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados disponibilizados pela Secretaria de Políticas Universitárias (2020).

Isso fez com que o Brasil superasse em número de estudantes países com presença tradicional de imigrantes na Argentina como é o caso da Bolívia, Paraguai e Peru, os quais contavam, respectivamente, com 690 mil, 426 mil e 198 mil residentes no país, enquanto o Brasil somava 49 mil no ano de 2019 (Datosmacro, 2019). Temos, portanto, uma proporção muito maior de migrantes brasileiros no ensino superior argentino, isso porque os imigrantes dos demais países na tabela já têm um histórico de migração para a Argentina, comumente em busca de melhores condições de vida; algo que não é observado nos brasileiros que, inclusive, durante todo o século XX, tiveram presença decrescente no país vizinho (Gallero, 2016). Neste ponto, já temos o primeiro indício de que se trata de uma migração motivada por razões estudantis, mas não para qualquer curso: no ano de 2016, a Argentina contava com 59 mil alunos de Medicina, dos quais cerca de 12 mil eram estrangeiros e 6.721 eram brasileiros, ou seja, 75% dos estudantes brasileiros no país naquele ano. A título de comparação, apenas 13,7% dos peruanos no ensino superior cursavam Medicina, à época a nacionalidade estrangeira mais representativa na graduação. Isso corrobora com a ideia que começou a ser desenvolvida acima: os peruanos elegem viver na Argentina por acreditarem ser um país com melhores oportunidades de vida, e, nesse processo, também entram nas universidades do país, o que não pode ser inferido no caso brasileiro. Portanto, dentro da pequena comunidade brasileira na Argentina, há uma proporção cada vez maior de brasileiros no ensino superior, especificamente no curso de Medicina, o que nos leva a considerar esse o eixo motivador desse processo migratório: a busca pelo diploma de Medicina, motivada pela impossibilidade de acessar o curso no Brasil.

Ainda que os dados sobre esse processo sejam escassos, temos várias indicações que ele está em franca ascensão, com destaque para a Universidade Nacional de Rosario (de agora em diante denominada UNR): em 2012, havia 270 estudantes brasileiros na área de saúde<sup>3</sup>, em 2019, subiu para 3.029. Em relação aos ingressantes, temos 138 para o ano de 2013<sup>4</sup>, um pico de 472 em 2017 e 245 em 2019. Em alguns anos, o número de ingressantes brasileiros superou o número de ingressantes argentinos de todas as províncias, salvo a de Santa Fé, onde está localizada a UNR (UNR, 2023). A Universidade Nacional de La Plata (UNLP), por sua vez, que contava com 11 estudantes brasileiros de Medicina em 2015, em 2018 já tinha 566 (Carmo, 2018). Os estudantes são atraídos pelo sistema de seleção praticado na Argentina, onde as universidades comumente não aplicam vestibulares e não impõem limites de vagas disponíveis. Isso se aplica, inclusive, para estudantes estrangeiros.

---

<sup>3</sup> Corresponde a 16 cursos. A partir de 2017 passou a ser levado em conta apenas a Faculdade de Ciências Médicas, que conta com 3 cursos. Os brasileiros estão quase em sua totalidade no curso de Medicina.

<sup>4</sup> Até 2017 dado exato de brasileiros ingressantes em Medicina. A partir de 2018 o dado passa a ser referente a Faculdade de Ciências Médicas. No entanto, em 2016, por exemplo, todos os 313 ingressantes brasileiros da Faculdade de Ciências Médicas escolheram Medicina.

O crescimento repentino de estudantes brasileiros suscitou medidas de contenção nas universidades argentinas, principalmente por meio da obrigatoriedade do exame de proficiência em espanhol com resultado em nível B2<sup>5</sup> para os ingressantes não falantes de espanhol na Universidade de Buenos Aires (de agora em diante denominada UBA) e UNR em 2017. Em ambos os casos, a medida, além de uma restrição ao ingresso de brasileiros, também é uma forma de gerar divisas para as universidades, pois elas oferecem cursos preparatórios e os testes em suas dependências. Seus defensores, criticam os brasileiros por não falarem o idioma e por formarem grupos apenas entre si, o que dificulta a aprendizagem da língua (Angelucci e Pozzo, 2020; Brown, 2020). Já na Universidade Nacional de La Matanza (UNLAM), quem não apresentar tal certificado pode optar por fazer o “Curso de Língua Castelhana e Literatura Hispanoamericana” com duração de 10 semanas e carga horária de 8 horas semanais, no valor de 60 mil pesos argentinos, cerca de 2.700 reais (UNLAM, 2018; Vazquez, 2019).

Este tema adquire maior relevância quando consideramos as implicações para o sistema de saúde brasileiro. Isso porque vemos, incluindo os estudantes que vão para a Bolívia e Paraguai, um grande volume de médicos formados no exterior embasados em uma diretriz curricular distinta da brasileira, podendo levar a desafios de integração e funcionalidade no sistema de saúde brasileiro<sup>6</sup>.

---

## METODOLOGIA

Um dos principais pressupostos da pesquisa era a importância da Internet neste fenômeno. Na impossibilidade de encontros in loco com os estudantes, em virtude da pandemia do covid-19, pensamos em usar a própria Internet como meio para a pesquisa. Partimos de um questionário construído no Google Forms, com 60 perguntas, abertas e fechadas, no qual o estudante respondeu perguntas sobre características socioeconômicas e motivações específicas para migrar, com o objetivo de apreender os condicionantes estruturais e pessoais que influenciam esse fenômeno migratório. De início, foi constatada a presença de inúmeros grupos, cada um com milhares de pessoas, com a temática de brasileiros estudantes de Medicina na rede social Facebook. Ao averiguar a bibliografia, vimos a possibilidade de usar as redes sociais virtuais como base para a coleta de dados. Em alguns trabalhos, pesquisadores utilizaram a técnica bola de neve na plataforma (Bhutta, 2012; Costa, 2018; Kosinski, Matz, Gosling, Popov e Stillwell, 2015). A descrição básica da técnica é:

---

<sup>5</sup> Baseado no Quadro Comum de Referência para Línguas, elaborado pela União Europeia. No nível B2 o estudante é capaz de ler e entender textos acadêmicos, além de conseguir se comunicar com relativo grau de espontaneidade.

<sup>6</sup> Não foi o caso dos médicos cubanos. A despeito da opinião dos seus pares formados no Brasil, a população avaliou sua atuação positivamente no âmbito do Programa Mais Médicos (Kemper, Mendonça e Sousa, 2016).

Inicialmente, o pesquisador especifica as características que os membros da amostra deverão ter, depois identifica uma pessoa ou um grupo de pessoas congruentes aos dados necessários, na sequência, apresenta a proposta do estudo e, após obter/registrar tais dados, solicita que o(s) participante(s) da pesquisa indique(m) outra(s) pessoa(s) pertencente(s) à mesma população-alvo (Costa, 2018, p. 19).

As pesquisas citadas reforçaram o caráter viral da circulação de informações nos ambientes virtuais como uma das virtudes da utilização como um facilitador do uso dessa técnica. Dado o público-alvo da pesquisa, essa técnica foi adotada. Seguindo o que já foi realizado em outras investigações em ambientes virtuais (Costa, 2018), o questionário foi apresentado em grupos do Facebook, com uma legenda explicando a pesquisa e solicitando que o seu link fosse compartilhado com outros estudantes. A principal via para encontrar um grupo específico no Facebook é a pesquisa por palavras-chave no buscador da plataforma. Ou seja, pessoas de diferentes origens e sem ligação prévia são agrupadas em torno de um interesse em comum.

Pesquisamos grupos de estudantes de Medicina na Argentina. Com o intuito de obter um resultado plural, buscamos estudantes nas diferentes universidades argentinas. Após o ingresso no grupo, realizamos um post no mural do grupo, convidando os interessados a responderem o questionário.

Dentro do grupo, também descobrimos outras formas de divulgar a pesquisa: um curso de reforço privado, que tem como público-alvo os estudantes brasileiros de Medicina, gentilmente aceitou divulgar nosso questionário para os seus alunos. Descobrimos outra forma de agrupamento dos estudantes: os grupos de Whatsapp, que frequentemente eram divulgados no Facebook e que também foram utilizados para divulgar a pesquisa. Já os contatos bilaterais através do chat do Facebook se mostraram ineficazes. Cabe ressaltar que uma das limitações dessa estratégia é a existência de pessoas que não utilizam as redes sociais virtuais ou mesmo sem acesso à internet. É importante ressaltar que trata-se de uma abordagem qualitativa e a técnica bola de neve é de tipo não probabilístico e não permite generalizações.

Ao fim e ao cabo, após a eliminação das respostas inconsistentes, obtivemos 108 respostas. Dessas, 74 correspondem a indivíduos do sexo feminino e 89 são estudantes de até trinta anos de idade. A maior parte dos estudantes mora na província de Buenos Aires (64), seguida de Santa Fé (36), Corrientes (5), La Rioja (2) e Rio Negro (1). Já os respondentes por universidade estão distribuídos da seguinte forma: Universidade de Buenos Aires (41); Universidade Nacional de Rosario (36); Fundação Barceló (19); Universidade Nacional de La Plata (8); Universidade Abierta Interamericana (4); Universidade Nacional de Mar del Plata (3) e Universidade Nacional del Comahue (1). Os dados foram sistematizados e interpretados.

## A FUGA

Certamente um dos primeiros elementos que nos vem à mente quando pensamos neste processo migratório é a altíssima concorrência do curso de Medicina na rede pública e o seu custo da mensalidade na rede privada no Brasil. Além disso, o sistema argentino possui formas de ingresso mais democráticas que o brasileiro, principalmente pela ausência de vestibular e oferta de vagas concentradas na rede pública, que é gratuita. A Tabela 2 ilustra a oferta do curso no Brasil:

**Tabela 2. Vagas do curso de Medicina no Brasil**

	Pública	Privada	Total
Número de instituição que oferecem o curso	99 (35,3%)	181 (64,6%)	280
Número de cursos	138 (40,7%)	201 (59,3%)	339
Matrículas	61.998 (33%)	125.712 (67%)	187.710
Vagas oferecidas (novas)	11.502 (29,1%)	28.009 (70,9%)	39.511
Candidatos inscritos	754.952 (72,7%)	283.205 (27,3%)	1.038.157
Candidato/vaga	65,6	10,1	26,3

Fonte: elaborado pelo autor a partir da Sinopse do Ensino Superior (INEP, 2019).

A junção de uma oferta concentrada no ensino privado e as altas mensalidades do curso, hoje na casa dos oito mil reais em média (Escolas Médicas do Brasil, 2021), fazem com que o curso seja o mais elitizado no Brasil, seja qual for a métrica. Segundo os microdados do Enade (INEP, 2019a), apenas 19% dos estudantes de Medicina do país cursaram o ensino médio integralmente em escola pública e 35% dos estudantes têm renda familiar superior a 10 salários mínimos, frente às porcentagens gerais de outros cursos, respectivamente 56% e 9%. Nesse ponto, no decorrer da pesquisa, problematizamos: o perfil socioeconômico do estudante de Medicina foi alterado nas últimas décadas com as políticas estatais de incentivo para o ensino superior? A resposta seria não muito, pois foi o curso que teve seu corpo estudantil menos alterado.

Podemos dividir essas políticas em dois grandes momentos. O primeiro foi a reforma universitária de 1968, que abriu o caminho para o ensino superior privado lucrativo no país, sendo a classe média privilegiada neste período (Almeida, 2014). No segundo período, as classes mais baixas foram beneficiadas, a partir dos anos 2000, sobretudo com o estímulo da oferta privada, por meio de políticas de ação afirmativa como o Fundo

de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES)<sup>7</sup> e o Programa Universidade para Todos (PROUNI)<sup>8</sup>. Houve também movimentos políticos para o fortalecimento do ensino superior público no país, com a expansão de universidades e a criação da Lei de Cotas em 2012 instituindo a reserva de 50% das vagas do ensino federal para estudantes oriundos de escola pública e reservando vagas específicas para estudantes pretos, pardos e indígenas. Essas políticas foram capazes de alterar o perfil do estudante de ensino superior no país, apesar dos desafios ainda persistentes (Almeida, 2020; Neves e Martins, 2016).

Um deles, sem dúvida, é o caso do acesso ao curso de Medicina que, em grande parte, manteve suas características socioeconômicas nas últimas décadas. Em sua pesquisa sobre estratificação do ensino superior, Rodrigues (2020) analisou as probabilidades de ingresso antes e depois da Lei de Cotas de acordo com as origens sociais dos candidatos. No curso de Medicina, há uma ínfima redução de desigualdade relacionada à renda e escolaridade dos pais; já no critério racial, a desigualdade na chance de ingresso entre um estudante branco e preto aumentou. Sobre a expansão do curso, em que pese iniciativas para a sua interiorização, a maioria das vagas continuam concentradas nos grandes centros urbanos do país, sobretudo no eixo Sudeste-Sul (Santos Jr et al., 2021). Já sobre as novas vagas criadas entre 2011-2020, 84% são no setor privado (Scheffer, 2020). A dificuldade de entrar no curso é um dos motores desse fenômeno migratório, como podemos ver no depoimento de um estudante<sup>9</sup> de Medicina na Argentina oriundo do estado de Santa Catarina:

... o principal motivo que muitos brasileiros vão para Argentina é o fato de o número de vagas/ano na universidade pública ser muito reduzido e as faculdades particulares além de ter [sic!] o número reduzido, são muito caras. Na minha época no meu estado, que é Santa Catarina, só tinha uma universidade pública que só tem ingresso anual e para as privadas tinha um sistema único que era semestral que você só podia escolher uma das faculdades de todo o estado, então reduzia muito as possibilidades de conseguir entrar em uma faculdade em 1 ano. Muitos dos meus colegas levaram anos em [sic!] conseguir conquistar a sua vaga, seja pública ou particular. O que dificulta muito quem tem o sonho de estudar essa área no Brasil. Na Argentina tem muitas oportunidades, tanto nas faculdades privadas como públicas. No Brasil em vez de aumentar o número de faculdades, querem diminuir. Cada vez dificultam mais (Nestor, resposta de questionário, outubro de 2021).

---

<sup>7</sup> FIES, Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, é um programa do governo federal criado em 1999 e promove o financiamento dos estudos universitários em instituições privadas aos estudantes com renda familiar per capita de até 3 salários mínimos. Por se tratar de um empréstimo, os estudantes devem pagá-lo após o fim da graduação.

<sup>8</sup> PROUNI, Programa Universidade para Todos, é um programa do governo federal instituído em 2005, que tem como objetivo conceder bolsas de estudo de 50% a 100% para estudantes com renda familiar per capita de até 3 salários mínimos em instituições privadas.

<sup>9</sup> Durante todo o artigo foram adotados nomes fictícios.

Na fala do estudante, para além das dificuldades concretas de acesso, aparece um aspecto central e delicado do curso no Brasil: o fechamento da criação de novas vagas e faculdades de Medicina por cinco anos, a contar a partir de 2018, decretada pelo Ministério da Educação (MEC) com forte apoio da comunidade médica (Ministério da Educação, 2018). A principal justificativa da medida, dada pelas entidades profissionais médicas, é uma suposta expansão desordenada do curso no país, que acarretaria preocupações em relação à qualidade da prática médica no futuro. Não obstante, essa suspensão ocorre concomitante a outro processo histórico envolvendo o ensino superior no país: a expansão da educação básica ocorrida nas últimas décadas, a qual aumenta o número de alunos elegíveis para cursar o ensino superior e beneficia, principalmente as camadas sociais mais vulneráveis (Neto e Lopo, 2014). No momento em que há mais pessoas com as credenciais escolares para entrar no curso, sobretudo aquelas que, historicamente, têm dificuldade de acessá-lo, ocorre esse movimento de fechamento de novas vagas. Com efeito, o fechamento do curso por cinco anos não foi um movimento inédito para restringir o acesso ao curso no país. A partir de 2006, o MEC, no momento de reconhecimento ou renovação de um curso de Medicina, passa legalmente a ter necessidade de passar sua decisão pelas considerações do CFM (Vargas, 2010).

Essa problemática, entendida por nós como disputas em prol de assumir papéis regulatórios legais, que, em primeira instância, visam a regulação da profissão, acaba por repercutir na disponibilidade das vagas do ensino superior brasileiro. Essa intersecção com a educação nos permite fazer um paralelo com a discussão weberiana dos estamentos (Weber, 1982). Os grupos de status são baseados no monopólio de uma determinada honraria - que será usada como uma forma de regulação para o ingresso nele - no nosso caso, o diploma de medicina. Por conseguinte, interessará para o estamento a capacidade de interferir na ordem social e, como vimos, uma das estratégias utilizadas pelos médicos (entendidos a partir de agora como um grupo profissional), foi assumir postos legítimos dentro da ordem jurídica societal, usando-a para controlar o acesso ao grupo, através do ensino superior. Na contemporaneidade vemos isso com bastante frequência nos grupos profissionais. Por que alguns tem mais poder que outros? Essa é uma das perguntas que a sociologia das profissões weberiana<sup>10</sup> tentará responder. Na visão de Freidson (1996), para que uma profissão consiga intervir de forma legítima e efetiva na ordem social é necessário que ela apresente um compromisso com valores que sejam apelativos por si só, como é o caso da Medicina, pois ela trata da saúde e tem capacidade de salvar vidas. O caso da medicina é tão emblemático na literatura a ponto de ela constituir o tipo ideal de profissão, um modelo a ser usado pelas demais. Voltando a Max Weber, a estratificação estamental vai na direção inversa à lógica da ordem econômica, a saber, o livre mercado. No nosso caso, além de ter sido contrária ao livre mercado<sup>11</sup>, ela mostrou-se contrária à livre expansão do

---

<sup>10</sup> Para outras abordagens teóricas das profissões ver: Barbosa, 1993.

<sup>11</sup> Para ver o (penoso) processo pelo qual os médicos conquistaram o monopólio da arte de curar no país: Coelho, 1999.

curso, inclusive das ações afirmativas<sup>12</sup>. Nesse sentido, a Medicina no Brasil certamente deve seu prestígio social, para além da natureza própria do seu trabalho, à sua exclusividade, exemplificada na extraordinária seletividade para acessar o curso no país já vista aqui, algo que é ameaçado pela ampliação e democratização do acesso. A solução encontrada, regular e, no limite, suspender a criação de novas vagas por cinco anos, pode ser enquadrada dentro do conceito weberiano de fechamento social (Vargas, 2010). Em linhas gerais, a leitura da obra de Weber pressupõe que o fechamento diz respeito a coletividades que buscam maximizar seus ganhos econômicos e sociais através da restrição de oportunidades a grupos específicos (Parkin, 1979), movimento que os médicos lograram através de um passo em direção ao Estado para regular o acesso aos diplomas.

Explicitado o atual estado da oferta do ensino médico brasileiro, como ele se dá na Argentina? O país vizinho não aplica, em algumas universidades<sup>13</sup>, o vestibular seletivo que ocorre no Brasil. Os critérios variam de acordo com a instituição, mas, geralmente, as principais universidades desejadas pelos brasileiros (como a Universidade de Buenos Aires, que conta com mais de 350 mil estudantes), não aplicam exame seletivo, ainda que estabeleçam, como regra, a passagem de todos ingressantes, independentemente da nacionalidade, por um curso básico de ingresso, onde não há padrão entre elas em relação às disciplinas ofertadas e algumas estabelecem notas mínimas para prosseguir para o curso de Medicina (Mollis, 2007). De fato, praticamente a integralidade dos estudantes da nossa pesquisa consideraram esse aspecto fundamental: 89% dizem que o fato da universidade argentina não aplicar vestibular foi importante nas suas decisões. Sobre isso, estudantes oriundos de Pernambuco e Minas Gerais, respectivamente, ressaltaram em suas respostas:

... quando eu contei para minha família que queria vir pra Argentina, eu falei que pelo ENEM eu tinha sido chamado para estudar Medicina na Argentina, porque se não eles não iriam permitir, eles jamais entenderiam que se pode estudar Medicina de graça e sem um exame prévio tipo ENEM para ingressar (Enzo, resposta de questionário, outubro de 2021).

... pela Argentina ter faculdade pública também foi um ponto importante para a minha escolha, mas o ponto mais forte foi saber que lá não tem vestibular, foi nesse momento que eu tive certeza de que queria estudar Medicina na Argentina. Então eu não gastei o meu tempo estudando em vestibulares para passar em Medicina. Me preparei estudando Espanhol 5 anos antes de ir, quando eu estava cursando o primeiro ano do ensino médio, porque eu queria dominar o idioma (Guadalupe, resposta de questionário, outubro de 2021).

---

<sup>12</sup> Na ocasião do debate sobre adoção das cotas raciais na Faculdade de Medicina da UFRJ, o seu diretor expressou seu ceticismo com a política, pois através dela entrariam alunos que não poderiam dedicar-se exclusivamente ao curso, inclusive sendo chamado de uma “discriminação a mais”, repercutido pelo CFM posteriormente. Ver: CFM, 2004.

<sup>13</sup> No país cada universidade tem autonomia para estabelecer seu próprio regime de ingresso, e, no caso de instituições com mais de 50 mil alunos, cada faculdade (Mollis, 2007, pp. 71–72).

Legalmente, para os estrangeiros, a Lei de Migrações Nº 25.871 de 2004 garante o direito ao ensino superior gratuito, em igualdade de oportunidade com os nacionais, independentemente da sua situação migratória (CONICET, 2021).

Duas considerações sobre o sistema argentino também são essenciais para demarcar a relevância de ser um destino desejado pelos brasileiros: sua qualidade e a procura dos estudantes brasileiros pelas universidades privadas. Sobre a qualidade, trata-se opinião praticamente unânime dos estudantes: 98,15% declararam ter sido um aspecto importante. Não somente na escolha por migrar, mas também a opção por migrar para a Argentina. Isso, porque, também, há fluxos de estudantes brasileiros para Bolívia e Paraguai. Nesse sentido, a qualidade do ensino argentino foi determinante, além da imagem positiva do país, posto que apenas 6,48% dos estudantes declararam ter uma imagem negativa da Argentina antes da mudança. Como relata um aluno da UNR:

... eu pensei em ir para a Bolívia, não fui para lá porque achei que as faculdades de lá eram muito pouco conceituadas. É que não seria um bom país pra se viver. Já a Argentina tem uma boa faculdade e uma cidade muito boa pra viver. Em termos gerais, foi porque tinha uma imagem muito boa da Argentina e muito ruim da Bolívia (Raimundo, resposta de questionário, outubro de 2021).

Para aqueles alunos que podem pagar, existe também a possibilidade de ingressar em uma universidade privada, que, além de não aplicar os cursos de ingresso das públicas, também têm um sistema de ensino similar ao brasileiro e salas com número reduzido de alunos. Características como essas incentivam brasileiros com condições financeiras mais estáveis a ingressarem no ensino privado, mais precisamente 21,29% dos que participaram na pesquisa. Especialmente no caso das públicas, a facilidade no ingresso não é repetida na conclusão. Além de questões familiares, os estudantes relataram que as universidades argentinas são bastante exigentes, e, no caso de algumas públicas, há um sistema de ensino estranho à maioria dos brasileiros, como podemos visualizar no relato desta aluna da UNR:

... muitas pessoas que vem para cá acabam desenvolvendo distúrbios psiquiátricos como ansiedade e depressão devido à somatória de fatores como estar longe da família e amigos e o sistema de ensino da UNR Medicina (muito exigente). A maioria passa muito mais de 6 anos para conseguir se formar. Também há outros muitos que abandonam e voltam para o Brasil. No primeiro ano são 8.000 alunos e no último 100 (Cyndi, resposta de questionário, outubro de 2021).

As turmas cheias, especialmente nas universidades públicas, em decorrência da não limitação do número de vagas, é motivo de queixas para alguns estudantes, que relatam haver uma relação professor-aluno distante, dado

que algumas salas superam 200 alunos. Algumas universidades, como a UNR, também adotam o método PBL (Problem Based Learning), modelo que pauta o ensino sem aulas teóricas como conhecemos no Brasil e, sim, na resolução ativa de problemas pelos alunos, algo que pode ser complicado para estudantes recém-chegados e que ainda não dominam a língua.

Nesse sentido, as privadas apresentam um ambiente mais próximo ao brasileiro, por terem salas menos lotadas e aplicarem método de ensino conhecido pelos brasileiros. As mensalidades variam entre mil e dois mil e quinhentos reais no ano de 2021. Logo, mesmo morando e estudando em uma universidade privada na Argentina, ainda se gasta menos dinheiro em relação ao custo de uma instituição privada no Brasil, como vemos na declaração desta estudante da UNR:

... escolhi a Argentina porque aqui é gratuito e mesmo que eu pagasse para estudar e com mais todos os gastos daqui ainda não seria o valor que cobram em uma mensalidade de uma faculdade privada de Medicina no Brasil (Kelly, resposta de questionário, outubro de 2021).

Entre as privadas, a Fundação Barceló<sup>14</sup> foi a instituição mais mencionada no questionário, sendo a instituição de ensino de 17,59% dos estudantes que participaram da nossa pesquisa, conforme a tabela 3:

**Tabela 3. Distribuição dos alunos nas universidades**

Instituição de ensino	N	%
Universidade de Buenos Aires (UBA)	41	37,96%
Universidade Nacional de Rosário (UNR)	32	29,63%
Fundação Barceló (BARCELÓ)	19	17,59%
Universidade Nacional de La Plata (UNLP)	8	2,78%
Universidade Abierta Interamericana (UAI)	4	7,41%
Universidade Nacional de Mar del Plata (UNMDP)	3	3,70%
Universidade Nacional del Comahue (UNCOMA)	1	0,93%
Total	108	100,00%

Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados coletados na pesquisa

<sup>14</sup> Esta instituição oferta o curso de Medicina em três províncias argentinas: Buenos Aires, Corrientes e La Rioja. Dos 19 estudantes desta universidade que participaram da pesquisa, 13 estudam na cidade de Buenos Aires, 4 em São Tomé (Corrientes) e 2 em La Rioja.

Com efeito, o ensino superior argentino atrai a fração das classes médias (principalmente) e baixas que em outros cursos, provavelmente, seriam beneficiadas pelos processos supracitados de expansão educacional ocorridos no Brasil. No nosso universo de pesquisa, 49% dos estudantes são oriundos da escola pública e pouco mais de 16% têm renda familiar total superior a 10 salários mínimos, números mais próximos da média geral do ensino superior brasileiro. Por outro lado, no caso da raça, temos uma distribuição idêntica à brasileira: 65,74% dos estudantes brasileiros de Medicina na Argentina que responderam ao questionário são brancos, enquanto os dados gerais no Brasil apontam 67% (INEP, 2019a). O estudante brasileiro na Argentina também parece ter um perfil abastado no que diz respeito à escolaridade dos pais, variável importante nas chances dos estudantes em ingressar no ensino superior (Carvalhoes e Ribeiro, 2019; Rodrigues, 2020).

Assim, 82% das mães e 75% dos pais dos estudantes brasileiros de Medicina na Argentina completaram ao menos o ensino médio, números inferiores aos estudantes de Medicina no Brasil, 92% e 86%, mas, bastante superiores ao perfil geral do brasileiro na graduação: 63% e 55% (INEP, 2019a). Um olhar mais aprofundado nas suas características econômicas, permite-nos mais uma consideração: em sua maioria, são alunos que não poderiam usufruir do PROUNI, principal programa social de bolsas em instituições privadas, que tem como requisito renda familiar de até 1,5 salários mínimos para bolsa integral e até 3 salários mínimos para 50%. Ao analisarmos a renda familiar dos pesquisados apenas 23,15% seriam elegíveis para o PROUNI. Temos, portanto, estudantes que não possuem condições de arcar com as mensalidades das universidades privadas brasileiras, já que 96% deles declararam que o seu valor foi um aspecto importante em sua decisão, mas que têm renda familiar média superior à faixa atendida pelos programas de incentivo ao acesso no ensino superior privado, posto que 76,8% tem renda familiar superior a 3 salários mínimos.

O trabalho de Waldir Quadros (2019) sobre a situação econômica das classes sociais brasileiras ajuda-nos a aprofundar a análise desse fenômeno. O autor mostra a estagnação da ascensão social da classe média devida à desindustrialização brasileira a partir dos anos 80, impactando no tipo de empregos atrelados à inovação tecnológica, os quais propiciavam vencimentos progressivamente maiores. Tais ofícios estão relacionados, cada vez mais, a vendas e internet. Essa mudança impede a o crescimento de indivíduos nessa faixa de renda. Ao comparar as ocupações dos membros da classe média alta<sup>15</sup>, no período 1981-2018, o autor identifica que o ofício de engenheiro, que era a quarta profissão mais comum em 1981, não consta mais entre as dez profissões mais frequentes em 2018, enquanto a profissão

---

<sup>15</sup> O autor faz a seguinte divisão de padrões de vida segundo seus rendimentos econômicos: classe média alta (6,3% da população): 11.803 reais; média classe média (13,2%): 3.791 reais; pobres intermediários (40,4%): 1.697 reais; pobres (26,9%): 918 reais; miseráveis (13,1%): 313 reais. Dentro dessa perspectiva, o curso de Medicina em uma universidade privada brasileira não seria plenamente acessível nem para indivíduos da classe média alta.

de médico subiu do quinto para o segundo lugar no período. Aliado a isso existe ainda uma alta taxa de desemprego entre os trabalhadores pobres com ensino superior completo ou incompleto: 51,7%. Com efeito, o curso de Medicina, para além do tradicional prestígio, representa agora uma maneira de manutenção social, principalmente para membros dos estratos superiores das classes médias. Isso fica ainda mais claro ao compararmos a situação geral dos trabalhadores com ensino superior com a dos médicos: na Demografia Médica no Brasil (Scheffer, 2020), não há sequer uma ocorrência da palavra “desemprego” em suas 314 páginas, além de 93% dos egressos estarem exercendo a profissão e 81,5% recebendo mais que onze mil reais mensais. Se a profissão tem papel chave na expectativa salarial do indivíduo e considerando crise socioeconômica enfrentada no país atualmente, o curso de Medicina aparece como uma forma de evitar mobilidade social descendente.

Temos, portanto, uma fuga para o exterior: as frações das classes médias e baixas que desejam ingressar em Medicina, as quais poderiam ter sido beneficiadas pelas expansões do ensino superior brasileiro, tanto no setor público quanto no privado, não o foram: altíssima concorrência dificulta o ingresso e a mensalidades das privadas o inviabiliza<sup>16</sup>. Some a isso o fechamento de novas vagas do curso pelos próximos cinco anos, justamente no momento de expansão de elegíveis para cursá-lo e a crise econômica que o país atravessa, são fatores que aumentam a demanda e disputa pelo curso. Estaríamos enganados, porém, se considerássemos que a expansão do curso de Medicina não ocorreu. Ela só não ocorreu da mesma maneira que os demais cursos no Brasil e, além disso, a conquista da vaga foi feita no exterior, notadamente na Argentina, Bolívia e Paraguai. No relatório produzido pelo Ministério das Relações Exteriores, foi constatada a presença de 65 mil brasileiros estudando Medicina nesses 3 países em 2018, o que representa quase 3 em cada 10 do total de estudantes brasileiros de Medicina (Cambricoli, 2019). Além disso, temos em vista a possibilidade desse número estar subestimado, dada a dificuldade ou falta de interesse das universidades de manterem bases de dados a cerca da nacionalidade de seus estudantes. No caso argentino, por exemplo, o relatório computou nos números estudantes de quatro cidades, enquanto a nossa pesquisa identificou oito, sendo elas: Buenos Aires (48,15%), Rosário (33,33%), La Plata (7,41%), San Tomé (4,63%), Mar Del Plata (2,78%), La Rioja (1,85%), Cipolletti (0,93%) e Morón (0,93%).

---

<sup>16</sup> Por isto a fuga que falamos neste artigo difere-se do já consagrado termo “fuga de cérebros”, geralmente associado a emigração de estudantes e profissionais de países em desenvolvimento em busca de melhores condições de emprego e renda.

---

## MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS, REDES SOCIAIS E INTERNET

Ao analisar este processo migratório, julgamos que é fundamental levar em conta a emergência da internet na sociedade contemporânea. Levar em conta o papel dessas dimensões, possibilitou-nos melhor entender a migrações estudantis para o exterior com o intuito de cursar Medicina, em especificamente, na Argentina. Como vimos acima, a Argentina não é a única opção para os brasileiros que buscam cursar Medicina no exterior, também existem fluxos (mais antigos e consolidados) para a Bolívia e Paraguai. Varella (2013) estudou a migração dos brasileiros estudantes de Medicina para a Bolívia e, ao analisar os padrões descritos na literatura de migrações internacionais, fez as seguintes distinções:

Essa literatura me deixou ainda mais instigada pelo grupo de estudantes brasileiros na Bolívia por duas razões principais: seus motivos pareciam distantes daqueles que moviam os migrantes laborais e, mesmo quando se tratava de migrantes estudantis, a relação com o local de e com o que se buscava primordialmente era diferente. Em uma palavra, os estudantes brasileiros na Bolívia se diferem dos demais, pois tem seu processo migratório embasado por um projeto educacional, mas que, ao contrário do que vê na literatura sobre o fluxo estudantil, não está direcionado para uma localidade positivada. Por isso compreendi o movimento como um fluxo às avessas (Varella, 2013, p. 40).

De fato, trata-se de um fluxo estudantil internacional distante do esperado, que tem suas razões bem sintetizadas pela OCDE (2020, p. 227):

Estudar fora é uma oportunidade de acessar educação de qualidade, adquirir habilidades que talvez não sejam ensinadas no país natal e se aproximar de mercados de mercados que oferecerem recompensas maiores pela educação. Estudar fora também é visto como uma maneira de aumentar sua empregabilidade em um mercado cada vez mais globalizado. Outras motivações incluem o desejo por expandir conhecimentos de outras sociedades e melhorar habilidades com idiomas, principalmente o inglês (tradução nossa).

A partir disso que Varella (2013) definirá a ida de brasileiros para a Bolívia como um fluxo às avessas, por estar calcado em projeto educacional que não envolve a ideia de se qualificar no país de destino por acreditar que a Bolívia oferece melhores condições de vida ou de estudo. Tampouco havia naqueles estudantes o sonho boliviano, ou seja, sair do seu país de origem com o desejo de viver o sonho de uma vida melhor no exterior. Pelo contrário, o sonho está localizado na sociedade de origem, a saber, poder ser médico um dia no Brasil. Até por isso, a autora identificou sérias restrições dos brasileiros em relação

a Bolívia como país em si, principalmente nos momentos iniciais da migração. Essa definição foi acompanhada em Webber (2018) que estudou a ida de estudantes brasileiros para o Paraguai. Não há entre os estudantes brasileiros de Medicina o desejo de exercer a profissão nesses dois países. O que existe é o sentimento de estar em momento de vida passageiro, uma verdadeira provação, mas diferente daquela vista nos vestibulares brasileiros: trata-se de uma disputa consigo mesmo para alcançar o seu sonho (Webber, 2018). Essa disputa consigo mesmo está fortemente atrelada ao Revalida, exame que os formados em Medicina no exterior passam para poderem exercer a profissão no Brasil, processo considerado demasiadamente exigente pelos estudantes, posto que apenas 5,27% alcançaram a pontuação necessária para revalidar o diploma entre 2011-2017 (Moreno, 2019). Só assim o sonho estará verdadeiramente realizado. Com efeito, muitas das universidades procuradas por esses estudantes, que são privadas, investem forte nas estratégias de marketing para atrair público brasileiro, inclusive construindo um currículo focado no conteúdo do Revalida. Isso ocorre especialmente no Paraguai, onde as universidades buscadas pelos brasileiros estão em sua maioria em regiões de fronteira, com destaque para Ciudad del Este, Presidente Franco e Juan Pedro Caballero, locais nos quais os brasileiros podem encontrar universidades “para si”, com corpo discente composto por mais de 90% de brasileiros e serviços, como atendimentos telefônicos, em português (Silveira, Kukiél e Oliveira, 2019; Webber, 2018). Diferentemente do caso boliviano, onde o fluxo tem destino concentrado na cidade de Santa Cruz De La Sierra e Cochabamba, cidades distantes do Brasil.

Há um papel muito mais importante das redes sociais. Por redes sociais consideramos as trocas sociais (por meio de amizade, trabalho etc.) dentro de um grupo de indivíduos que se relacionam entre si (Haythornthwaite, 2005). Definição semelhante é dada para o conceito de redes migratórias, que, da mesma maneira das redes sociais, conecta migrantes, ex-migrantes e não migrantes nos países de destino e origem, facilitando a circulação de capital social e, por conseguinte, o fluxo migratório (Massey et al., 1993). O próprio estudo de Varella (2013) está calcado em uma rede, notadamente entre os indivíduos de Nova Xavantina-MT, Brasil e Santa Cruz de La Sierra na Bolívia. Nele, a autora identificou que esse fenômeno é conhecido na cidade de origem, até mesmo dentro dos colégios. Os estudantes frequentemente conhecem alguém que já realizou a migração e são incentivados para isso.

Em sua essência, o fluxo argentino tem as mesmas características do boliviano e paraguaio, desse modo também o identificamos como um fluxo às avessas. Os brasileiros deixam o Brasil não por acreditarem que a educação ou qualidade de vida argentina é superior à brasileira e, sim, pela impossibilidade de estudar no Brasil. Há, porém, especificidades no caso argentino. Ainda que a formação de grupos fechados de brasileiros seja uma realidade e tenha sido inclusive uma das justificativas usadas pelas universidades para a implementação de exigências associadas ao idioma, parece não haver a resistência, ou, em alguns casos, aversão à assimilação no novo país. A formação desses grupos parece estar mais relacionada ao desconhecimento do idioma, pois 45,37% dos estudantes nunca haviam estudado espanhol

e diferenças culturais, já que 69,44% dos estudantes não consideraram uma suposta proximidade cultural com os argentinos um fator importante. No mais, os brasileiros com quem conversei parecem gostar do país e, inclusive, 11% dos nossos pesquisados demonstraram interesse em exercer a profissão na Argentina, algo bastante discrepante do aferido por Varella (2013, p. 19), no qual apenas 3 dos 616 participantes declararam querer ficar na Bolívia. No caso paraguaio, os estudantes não veem sentido em aprender guarani, uma das línguas nacionais no país e utilizadas no atendimento médico durante a graduação (Webber, 2018, p. 138). O que parece ser um dos grandes diferenciais da formação argentina, além da qualidade, é a possibilidade de ter o diploma reconhecido na Espanha, por meio de um convênio de reconhecimento mútuo de diplomas celebrado entre os países, o que elimina entraves que ocorrem, por exemplo, para a revalidação do diploma no Brasil (Expansión, 2017). Esse fato surgiu com força no nosso questionário, pois mais estudantes responderam que desejam exercer a medicina na Espanha ou União Europeia (44,44%) do que no Brasil (34,26%).

Assim como no caso boliviano, o fluxo brasileiro para a Argentina não é fronteiriço. Nas cidades de fronteira, encontramos um grupo de estudantes na cidade de Santo Tomé, que faz fronteira com São Borja-RS. Mas, trata-se de uma minoria, apenas 4 estudantes do nosso universo de pesquisa. Nem mesmo na instituição de ensino dessa cidade, que é privada, existe o marketing agressivo feito pelas universidades bolivianas e paraguaias. Não há conteúdo produzido especificamente para estudantes brasileiros, muito menos currículo personalizado visando ao Revalida. Com efeito, os estudantes procuram universidades de qualidade e consagradas, em cidades distantes do Brasil, como Buenos Aires e Rosário. A seguir apresentaremos uma hipótese para diferenciar esse movimento daquele estudado por Varella (2013), onde os estudantes também migraram para cidades distantes. Na nossa concepção, a Internet tem papel central no fluxo de brasileiros para a Argentina.

---

## AS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Consideramos haver na Argentina um fluxo migratório com íntima relação com as redes sociais virtuais (RSV), representadas aqui pela plataforma Facebook. Mas também podem ser incorporadas nessa definição blogs, fóruns, em suma, espaços na internet onde há reunião de usuários com possibilidade de troca de informações. Apesar de ter um caráter pessoal, essas redes agrupam pessoas de qualquer lugar do mundo em torno de um interesse específico comum (Costa, 2018). Em pesquisa que abrangeu 47% da população brasileira em 2016, foi constatado que 83% das pessoas haviam utilizado alguma RSV no último mês. Mais além, 59% declararam que a Internet é sua principal fonte de informação (Kantar, 2016).

No fluxo boliviano, a maior parte dos estudantes eram do estado de Rondônia, um dos menores em população do Brasil, mas que faz divisa com a Bolívia. Além disso, também ficaram entre os primeiros os Estados do Mato Grosso (3º) e Acre (8º), pouco povoados, mas que tem como característica fazerem fronteira com a Bolívia. Isso levou Varella (2013) relacionar a localização geográfica com redes sociais existentes consolidadas que ocorrem entre esses estados e a Bolívia. A própria autora tratou sobre isso estudando a fundo a rede Nova Xavantina-MT x Santa Cruz de La Sierra. Outra hipótese levantada pela autora é o papel que a desigualdade educacional, sobretudo se comparada com as regiões Sul e Sudeste, já que autora teve acesso à informação de que havia apenas um acreano cursando Medicina na Universidade Federal do Acre naquele ano.

No caso argentino, nosso levantamento chegou a resultados bastante díspares. A presença de estudantes da região sul do Brasil foi menor do que a esperada originalmente, como mostra a tabela 4:

**Tabela 4. Distribuição dos estudantes por regiões**

Origem	N	%	% População
Sul	25	23,1%	14,26
Sudeste	47	43,5	42,04
Centro-Oeste	11	10,2%	7,79
Nordeste	14	13%	27,09
Norte	11	10,2%	8,82
Total	108	100%	100

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados coletados na pesquisa e com base na estimativa

De fato, os dados sugerem uma sobre representação da região sul, fronteira com a Argentina, mas não da ordem encontrada por Varella (2013). Chama atenção, por outro lado, a presença forte da região sudeste, alavancada por São Paulo (21%) e Minas Gerais (17,5%), estados distantes da Argentina, em proporções bastante superiores ao fluxo boliviano, no qual esses Estados somaram cada um 7,3%. Nesse sentido, acreditamos que as redes sociais têm influência fundamental, mas em seu formato virtual. Por ser um fluxo mais recente que o boliviano e não haver a proximidade geográfica, a Internet aparece como uma possibilidade de construir redes sociais à distância, por indivíduos que não tem nenhuma relação entre si a não ser o desejo de estudar Medicina na Argentina. Isso tem o papel fundamental de atenuar os custos e riscos da migração, a saber, o medo que a mudança acarreta no indivíduo e as possibilidades de acontecerem contratemplos (Massey et al.,

1993). Mais precisamente, procuramos entender como a internet afeta os laços entre os indivíduos e o fluxo de capital social dentro das redes sociais.

Entendemos por laço a ligação entre dois indivíduos e o conjunto dessas ligações entre indivíduos interconectados uma rede social. A importância da força de um laço no fluxo de informações nas redes sociais foi objeto de debate em Granovetter (1973). Para o autor, a probabilidade da circulação de informações nas redes sociais varia de forma inversamente proporcional a força do laço entre os indivíduos. Isso ocorre pois quanto mais forte for o laço, maior a tendência de os indivíduos terem hábitos parecidos e um círculo de amizades mais homogêneo. Esse tipo de rede, ora, não favorece a circulação de informações novas. Nos laços fracos, por outro lado, há trocas de informações de indivíduos que provavelmente possuem backgrounds e redes sociais distintas, por conseguinte, informações distintas. Seria então a principal fonte do fluxo de informações nas redes sociais. Discussão semelhante é feita por Bert (apud Portes, 1998), por meio do conceito furo estrutural. As redes sociais densas não seriam propícias ao fluxo de capital social e seriam furos estruturais, ou seja, a ausência de laços institucionalizados, que proporcionariam o fluxo de capital social. Aqui há uma aproximação com o que temos ressaltado como característica das redes sociais virtuais, e, mais precisamente, dos grupos do Facebook: a reunião de pessoas previamente desconhecidas, sem qualquer tipo de semelhança prévia a não ser o desejo de cursar Medicina na Argentina.

Dentro dos estudos que discutem os impactos da internet na migração, Dekker e Engbersen (2014) chamaram atenção para a possibilidade da criação de novos laços através da internet servir como uma fonte oficial de informações, sobretudo para aqueles que não têm nenhum tipo de vínculo com o país de destino. Essa é a situação de 65,74% dos estudantes da nossa pesquisa, que declararam não ter nenhum familiar ou amigo vivendo no país antes da mudança. Através da Internet, é possível ter informações completas sobre a Universidade e a cidade de destino, algo inacessível para migrantes fora das redes migratórias tradicionais na época anterior à Internet. Caso exista algum tipo de dúvida, o estudante ainda pode ativar o que Haythornthwaite (2002) chama de laços latentes, que são aqueles laços não ativados, mas que estão fartamente disponíveis com o advento da Internet. Ao entrar em um grupo de Facebook de estudantes de Medicina na Argentina, o potencial migrante tem a seu dispor milhares de laços latentes, desde pessoas que estão no mesmo estágio da ideia do processo migratório que ele até estudantes que já estão cursando Medicina na Argentina. É possível realizar um post no mural público do grupo e as pessoas que se interessarem irão interagir com ele. São comuns perguntas sobre o custo de vida, qualidade de vida da cidade e as documentações necessárias para matrícula. Além disso, os estudantes usam esses posts também para se conectarem entre si, ferramenta fundamental para indivíduos que não têm nenhum tipo de contato formal com a sociedade de destino sentirem-se mais seguros para tomarem a decisão de migrar. Isso é referendado nos estudos contemporâneos das migrações internacionais: a Internet não é a razão da vontade de migrar, mas ela é um suporte poderoso na tomada de decisão (Pesando, Rotondi, Stranges, Kashyap e Billari, 2021).

De fato, quando perguntados sobre os fatores mais importantes na decisão de migrar, apenas um dos nossos pesquisados marcou a opção “contatos e interações realizados através das redes sociais<sup>17</sup>”. No entanto, apenas 19,44% não participaram de nenhum grupo online de estudantes brasileiros de Medicina na Argentina. Para mais de 40% deles, a forma com a qual ficaram sabendo da possibilidade de estudar Medicina na Argentina foi a Internet. Além disso, 15,74% dos estudantes declararam que sem as interações feitas nesses grupos, não teriam migrado. Outros 43,52% disseram que teriam migrado, mas seria mais difícil. Sendo assim, as redes sociais virtuais não são a razão do processo migratório examinado aqui, mas, em consonância com os achados de outros pesquisadores (Thulin e Vilhelmsen, 2014), têm o papel fundamental na constituição do imaginário sobre o local de destino para o migrante, especialmente para aqueles sem relações com a sociedade destino. Esse é o fator diferencial do fluxo de brasileiros para a Argentina: a razão primordial para o desejo de migrar é a impossibilidade de cursar Medicina no Brasil, mas o “empurrãozinho” acontece através das redes sociais virtuais e da Internet, que proporcionam aos estudantes de regiões distantes da Argentina e que não se conheciam previamente, acessarem e compartilharem informações entre si e, assim, tornar o processo migratório mais simples.

---

## CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo fundamental apreender as razões da ida de brasileiros para estudar Medicina na Argentina. No intercurso da investigação, foi possível delimitar o fenômeno como uma migração estudantil, mas com caracteres diversos dos fluxos tradicionais. Assim como no caso boliviano e paraguaio, o estudante não deixa o país pelo sonho de estudar/morar no exterior e com a crença de que no país de destino há uma qualidade de vida ou estudo superior ao disponível no Brasil. Ele migra porque é a oportunidade disponível para estudar Medicina. Ou seja, trata-se de uma migração estudantil por ocasião da impossibilidade de acessar o curso desejado no Brasil.

Dentre os motivos para deixar o Brasil, de uma perspectiva conjuntural, identificamos a expansão geral da escolaridade nas últimas décadas, algo acompanhado apenas parcialmente no curso de Medicina. Ainda que o curso tenha expandido sua oferta nos últimos anos, ele continua concentrado nos principais centros urbanos do país e, cada vez mais, privado. Tal fato fica evidente na quase imobilidade dos indicadores socioeconômicos dos alunos do curso, no qual a média de mensalidade no curso privado supera os 8 mil reais, valor elevado até mesmo para a classe média alta brasileira, além da altíssima concorrência por uma vaga no setor público. No que

---

<sup>17</sup> Aqui entendidas como plataformas online de interação social.

tange à relação entre educação e mercado de trabalho, o país passa por um longo processo de desindustrialização, que alterou o mercado de trabalho, afetando algumas profissões tradicionais, como a de engenheiro, a qual já não garante a remuneração de outrora, quando o país vivenciava fase de crescimento econômico. Assim, a profissão de médico continua a ser uma garantia de retorno financeiro da educação, mesmo em um momento que outras deixam de sê-lo. Além dos aspectos financeiros mencionados, há ainda uma posição corporativista dos médicos em relação à expansão do curso no país. Lograram participação em decisões sobre a criação de novas vagas do curso, também conseguiram, junto ao Ministério da Educação, a paralisação por cinco anos do credenciamento de novas faculdades e a criação de mais vagas nas já existentes no país em 2018. Sobre isso, pareceu-nos simbólica a frase do aluno que deixou Santa Catarina para estudar na Argentina: "... no Brasil, em vez de aumentar o número de faculdades, querem diminuir", mencionada na página sete deste artigo.

Os estados de origem dos estudantes e seus hábitos virtuais nos ajudam a diferenciar o fluxo argentino do boliviano e paraguaio. Primeiro, em que pese a sobre representação dos estados do sul, a maioria dos estudantes não são de estados limítrofes com a Argentina e, tampouco, escolhem cidades fronteiriças para estudarem. O uso da internet e do Facebook aparece como uma forma de conectar aqueles que desejam migrar para estudar Medicina na Argentina, posto que 65,74% dos estudantes não tinham nenhum familiar vivendo no país antes da mudança. 80,56% dos pesquisados entraram em algum grupo de estudantes brasileiros de Medicina na Argentina no Facebook e 59,12% indicaram que as interações feitas nos grupos foram determinantes para a migração. Desse modo, as redes sociais virtuais constituem um suporte fundamental para a decisão de migrar. Ademais, o sistema universitário e a Argentina em si também aparecem como fatores de atração para os brasileiros. Para além de ter facilidades de ingresso similares às bolivianas e paraguaias, não há por parte dos estudantes a resistência em morar na Argentina observada nos outros dois países, dadas a qualidade do seu ensino chama atenção e a chance de ter seu diploma reconhecido na Espanha, exaltada. Não obstante, há aqui uma questão a ser observada no futuro: para além da questão da revalidação, como estes estudantes serão integrados futuramente no sistema de saúde brasileiro, uma vez que foram formados dentro de diretrizes curriculares distintas das estabelecidas para a formação de recursos humanos em saúde do Brasil?

Com efeito, lemos esse fenômeno como parte de uma fuga ao exterior, em decorrência dos constrangimentos para acessar o curso no país. Essa busca têm um marcador socioeconômico específico: são as frações das classes médias e baixas que não foram beneficiadas pela expansão do ensino superior no país, em virtude da persistência das barreiras para acessar o curso de Medicina, mas que viram no exterior, a possibilidade de realizarem seu sonho.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Wilson Mesquita (2014). *ProUni e o ensino superior privado lucrativo em São Paulo: Uma análise sociológica*. São Paulo, Brasil: Musa Editora.

Almeida, Wilson Mesquita (2020). Revisitando “USP para Todos?”: Desafios permanentes na inclusão dos estudantes de baixa renda no ensino superior público brasileiro. *Revista de Ciências Sociais*, 51(3), 42. Recuperado de: <http://periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/54817>.

Angelucci, Thalita Camargo e Pozzo, María Isabel (2020). Estudiantes brasileños en la Facultad de Ciencias Médicas de Rosario (Argentina): Implicancias Interlingüísticas. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 59(1), 807–833. Recuperado de: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655266>.

Barbosa, Maria Lígia de Oliveira (1993). Sociologia das profissões: Em torno da legitimidade de um objeto. BIB: *Revista Brasileira de Informações Bibliográficas*, 36, 3–30. Recuperado de: <http://anpocs.com/index.php/bib-es-2/bib-36/440-a-sociologia-das-profissoes-em-torno-da-legitimidade-de-um-objeto/file>.

Bhutta, Christine Brickman (2012). *Not by the Book: Facebook as a Sampling*. *Sociological Methods & Research*, 41, 57–88. Recuperado de: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0049124112440795>.

Brown, Ana Laura (2020). Migración estudiantil y requisitos lingüísticos: El caso de los estudiantes brasileños de Medicina en la UBA y el examen CEI. Em Fabio Dandrea e Gladys Lizabe (Orgs.), *Internacionalización y gobernanza lingüística en el nivel superior: Las lenguas extranjeras en contexto* (1o ed, pp. 93–113). Río de Janeiro, Brasil: UniRío. Recuperado de: <http://www.unirioeditora.com.ar/wp-content/uploads/2021/03/Internacionalizacion-y-gobernanza-ling%C3%BCistica-UniR%C3%ADO-editora.pdf>.

Cambricoli, Fabiana (2019). *Na fronteira pelo diploma médico—Infográficos*. Estadão. Recuperado de: <https://www.estadao.com.br/infograficos/cidades,na-fronteira-pelo-diploma-medico,1028800>.

Carmo, Marcia (2018). Com faculdades públicas e sem vestibular, Argentina atrai cada vez mais universitários brasileiros. BBC News Brasil. Recuperado de: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43644403>.

Carvalhoes, Flavio e Ribeiro, Carlos Antônio Costa (2019). Estratificação horizontal da educação superior no Brasil: Desigualdades de classe, gênero e raça em um contexto de expansão educacional. *Tempo Social*, 31, 195–233. doi: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2019.135035>.

Conselho Federal de Medicina (CFM). (2004). *Medicina diz não às cotas*. Recuperado de: <https://portal.cfm.org.br/noticias/medicina-diz-nao-as-cotas/>.

Coelho, Edmundo Campos (1999). *As profissões imperiais: Medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro 1822-1930*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.

Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) (2021). *Anuario Estadístico Migratorio de la Argentina 2020* (p. 169). Recuperado de: <https://www.conicet.gov.ar/se-presento-el-anuario-estadistico-migratorio-de-la-argentina-2020/>.

Costa, Barbara Regina Lopes (2018). Bola de Neve Virtual: O Uso das Redes Sociais Virtuais no Processo de Coleta de Dados de uma Pesquisa Científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(1), Article 1. Recuperado de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>.

DatosMacro(2019). *Aumenta el número de inmigrantes en Argentina*. Datosmacro. Recuperado de: <https://datosmacro.expansion.com/demografia/migracion/inmigracion/argentina>.

Dekker, Rianne e Engbersen, Godfried (2014). How social media transform migrant networks and facilitate migration. *Global Networks*, 14(4), 401–418. doi: <https://doi.org/10.1111/glob.12040>.

Escolas Médicas do Brasil (2021). Valores das mensalidades dos cursos de medicina privados. *Brasil: Escolas Médicas do Brasil*. Recuperado de: <https://www.escolasmedicas.com.br/mensalidades.php>.

Expansión (2017). *España y Argentina reconocerán mutuamente los títulos académicos*. Expansión. Recuperado de: <https://www.expansion.com/latinoamerica/2017/02/23/58af252746163f57088b4609.html>.

Freidson, Eliot (1996). Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e conhecimento formais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 31(11), 141–155. Recuperado de: [https://www.cff.org.br/userfiles/60%20-%20FREIDSON%20E%20%20Para%20uma%20analise%20comparada%20das%20profissoes\\_1996.pdf](https://www.cff.org.br/userfiles/60%20-%20FREIDSON%20E%20%20Para%20uma%20analise%20comparada%20das%20profissoes_1996.pdf).

Gallero, María Cecilia (2016). Las Particularidades de la Inmigración Brasileña en la Argentina. *Cadernos OBMigra*, 2(1), 125–155. Recuperado de: [https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/44974/CONICET\\_Digital\\_Nro.27865d8a-d024-43ae-a8d2-15ce6df80dd2\\_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y](https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/44974/CONICET_Digital_Nro.27865d8a-d024-43ae-a8d2-15ce6df80dd2_A.pdf?sequence=2&isAllowed=y).

Granovetter, Mark Sanford (1973). The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360–1380. Recuperado de: <https://www.jstor.org/stable/2776392>.

Haythornthwaite, Caroline (2002). Strong, Weak, and Latent Ties and the Impact of New Media. *Information Society*, 18(5), 385–401. doi: <https://doi.org/10.1080/01972240290108195>.

Haythornthwaite, Caroline (2005). Social networks and Internet connectivity effects. *Information, Communication & Society*, 8(2), 125–147. doi: <https://doi.org/10.1080/13691180500146185>.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2019a). *Microdados do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes*. Recuperado de: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/enade>.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2019b). Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação— INEP. Recuperado de: <http://inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>.

Kantar (2016). Acessar redes sociais é uma das atividades preferidas dos internautas brasileiros. *Kantar IBOPE Media*. Recuperado de: <https://www.kantaribopemedia.com/acessar-redes-sociais-e-uma-das-atividades-preferidas-dos-internautas-brasileiros-2/>.

Kemper, Elisandrée Sguario, Mendonça, Ana Valeria Machado e Sousa Maria Fátima de Sousa (2016). Programa Mais Médicos: Panorama da produção científica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21, 2785–2796. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015219.17842016>

Kosinski, Michal, Matz, Sandra, Gosling, Samuel, Popov, Vesselin e Stillwell, David (2015). Facebook as a research tool for the social sciences: Opportunities, challenges, ethical considerations, and practical guidelines. *American Psychologist*, 70(6), 543–556. doi: <https://doi.org/10.1037/a0039210>.

Massey, Douglas, Arango, Joaquin, Hugo, Graeme, Kouaouci, Ali, Pellegrino, Adela, e Taylor, J. Edward (1993). Theories of International Migration: A Review and Appraisal. *Population and Development Review*, 19(3), 431–466. doi: <https://doi.org/10.2307/2938462>.

Ministério da Educação (MEC) (2018). MEC suspende criação de cursos de medicina e anuncia política de redefinição da formação médica. *Brasília, Brasil: Ministério da Educação*. Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/62491-mec-suspende-criacao-de-cursos-de-medicina-e-anuncia-politica-de-redefinicao-da-formacao-medica>.

Mollis, Marcela (2007). La Educación Superior en Argentina: Balance de una Década. *Revista de la Educación Superior*, 36(142), 69–85. Recuperado de: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-27602007000200004&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-27602007000200004&lng=es&nrm=iso).

Moreno, Ana Carolina (2019). Revalida 2017 tem a pior taxa de aproveitamento da história. *Brasil: G1*. Recuperado de: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/07/04/revalida-2017-tem-a-pior-taxa-de-aproveitamento-da-historia.ghtml>.

Neto, Mont'Alvão e Lopo, Arnaldo (2014). Tendências das desigualdades de acesso ao ensino superior no Brasil: 1982-2010. *Educação & Sociedade*, 35, 417-441. doi: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000200005>.

Neves, Clarissa Eckert Baeta e Martins, Carlos Alberto (2016). Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. Em Dwyer, Tom, Zen, Eduardo Luiz, Weller, Wivian, Shuguang, Jiu e Kaiyuan, Guo (Orgs), *Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira* (pp.95-124). Brasília/Pequim: IPEA/SSAP. Recuperado de: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9061/1/Ensino%20superior%20no%20Brasil.pdf>.

Organização Internacional para as Migrações (OIM) (2020). *World Migration Report 2020*. Recuperado de: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2020>.

Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (2020). *Education at a Glance 2020: OECD Indicators*. doi: <https://doi.org/10.1787/69096873-en>.

Parkin, Frank (1979). *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique*. Cambridge, Reino Unido: Columbia University Press.

Pesando, Luca Maria, Rotondi, Valentina, Stranges, Manuela, Kashyap, Ridhi, e Billari, Francesco (2021). The Internetization of International Migration. *Population and Development Review*, 47(1), 79-111. doi: <https://doi.org/10.1111/padr.12371>.

Portes, Alejandro (1998). Social Capital: Its Origins and Applications in Modern Sociology. *Annual Review of Sociology*, 24, 1-24. Recuperado de: <http://www.jstor.org/stable/223472>.

Quadros, Waldir (2019). A profundidade da atual crise social. *Textos para discussão IE-Unicamp*, 361, 1-29. Recuperado de: <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/TD/TD361.pdf>.

Rodrigues, Leonardo Augusto Lopes (2020). Estratificação horizontal e os cursos imperiais no Brasil: O perfil socioeconômico dos concluintes de Medicina, Engenharia e Direito entre 2009 e 2017. 1-20. Recuperado de: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/atividade/>